

DONA ZULEICA: PARTE I

Dona Zuleica tem 65 anos, mora na zona rural e vive da aposentaria como auxiliar de serviços gerais do DF.

Trabalhou desde muito jovem e, quando se aposentou, resolveu cultivar uma pequena horta no fundo da sua casa onde vive com sua filha, o genro e três netos, além do filho caçula de 15 anos.

Com a aposentadoria e a morte do marido há pouco mais de um ano, dona Zuleica se sente desanimada. É na horta que ela tem seus poucos momentos de alegria.

Há cerca de um mês, ela começou a apresentar episódios de desmaios. Sua família ficou bastante preocupada, mas não tinha dinheiro para levá-la ao médico, que ficava no centro da cidade. Há muito tempo que a aposentadoria dela era a única renda da família. Ficaram felizes quando viram que estavam concluindo a construção de uma unidade de saúde, que atenderia aquela região. Dona Zuleica e sua família estariam cobertos agora por uma equipe de Saúde da Família.

Todos os dias, dona Zuleica preparava o café da manhã dos filhos e dos netos e caminhava até a unidade que ficava a 3 km da sua casa. Andava devagar, porque sentia dores no joelho. Quando chegava lá já não havia mais ficha para atendimento e pediam para que ela voltasse no outro dia. Tentou umas três vezes e desistiu, pois, na última vez, sentiu-se muito mal no caminho.

Até que um dia recebeu a visita do agente comunitário de saúde da sua área. Que surpresa quando viu que era Fred, filho da sua amiga, que ela viu crescer. Ficou feliz quando ele disse que pediria para a enfermeira fazer uma visita na sua casa, mas dona Zuleica queria mesmo era ver um médico para solicitar um raio X do peito. Aquela dor que sentia não era normal e, como o marido havia falecido de câncer do pulmão, pensou que talvez se repetiria com ela.

Na semana seguinte, a enfermeira apareceu na sua casa, como Fred havia falado. Ficou surpresa com a rapidez e com aquela profissional tão perguntadora. Ela parecia querer saber tudo da vida dela e da família. A enfermeira aferiu a pressão e a temperatura. Olhou os olhos, a boca e todo o corpo. Conversou por alguns minutos e disse que, além da consulta com a médica da unidade, ela também seria escutada pela psicóloga e pela nutricionista do Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Seu espanto continuou quando soube que não precisaria caminhar até a unidade e nem enfrentar novas filas para conseguir esses atendimentos, pois, no outro dia, Fred apareceu em sua casa com todas as consultas agendadas. A da psicóloga e a da nutricionista, na verdade, seriam feitas em sua própria casa e pelas duas profissionais juntas. Quanta novidade!



Enfim, chegou o dia em que teria um atendimento com a médica e seu problema seria resolvido. Chegou na unidade, esperou cerca de uma hora e a médica a chamou no consultório. Fez a consulta e disse que precisaria fazer alguns exames complementares, entre eles um eletrocardiograma. Dona Zuleica perguntou do raio X, pois tinha certeza de que precisava dele, mas a médica disse que primeiro queria o resultado desses exames para depois decidir quais outros solicitar. Falou para a senhora ficar tranquila, pois seu exame clínico não demonstrou nenhum sinal de preocupação ou urgência.

Ela saiu mais tranquila, mas pensando o que custava solicitar o raio X, já que faria outros exames mesmo. Pensou que deveria ser porque era pelo SUS e que, se fosse particular, com certeza conseguiria. Mas tinha gostado tanto da médica e de toda a equipe que, naquela noite, dormiu como nunca mais tinha conseguido e até sonhou com o marido, sentiu a companhia dele ao seu lado, como fazia todos os dias nos 40 anos de casados.

Conseguiu agendar rapidamente grande parte dos exames, mas, para o de eletrocardiograma, existia uma fila de espera de quase cinco meses e ela precisaria aguardar. Quando conseguiu, finalmente, realizar todos os exames, descobriu que a médica, de quem tanto tinha gostado, não estava na unidade e que estavam em processo de contratação de um novo profissional.

Aquela sensação boa, com o passar dos dias, foi dando lugar à tristeza novamente. A dor no peito aumentava durante a noite, e ela decidiu que iria à unidade pedir o raio X de uma vez. Afinal, aquela médica não era a única da unidade. Sabia que sua vizinha da rua de cima tinha tido consulta com um médico no dia anterior. Reclamou muito dele, disse que mal olhava nos olhos e que a consulta foi tão rápida que mal conseguiu se sentar na cadeira. Lembrou como tinha sido diferente com a médica que foi embora, mas decidiu ir mesmo assim.

Dona Zuleica tinha medo de estar com a mesma doença do marido e não podia nem imaginar morrer e deixar seus filhos e netos, que tanto precisavam dela, mas confessava que já não tinha tanto ânimo para viver e sentia-se cansada. Ela nunca tinha fumado, mas foi fumante passiva durante os 10 anos em que o marido fumara.

Sabia que aquela fumaça toda não faria bem para ele nem para ela, então, depois de muito brigar, conseguiu que ele parasse. Mas ela sente que talvez seja tarde demais, como foi para o marido. Por isso, queria tanto aquele exame. Foi o raio X que mostrou, pela primeira vez, o que o marido dela tinha e, portanto, poderia ajudar a entender o seu caso.

Com certeza, você já conheceu situações parecidas com a da dona Zuleica. Analisando o caso, percebemos que, mesmo após a inauguração da Unidade de Saúde e que, apesar da ampliação da cobertura, dona Zuleica demorou para conseguir uma consulta com a equipe, em razão da distância da unidade, da sua condição de saúde e do sistema de agendamento que era utilizado.



Um sistema de agendamento por fila, por cota de vagas, geralmente privilegia as pessoas que podem chegar mais cedo, as que residem próximo da unidade de saúde e os mais jovens ou sem agravos e condições de saúde limitantes.

